



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8061 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 12 - Currículo

QUE CORPOS E CURRÍCULOS ESTÃO POR VIR?

Carla Char Melo Sampaio - FAE - Faculdade de Educação da UFMG

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

QUE CORPOS E CURRÍCULOS ESTÃO POR VIR?

O presente trabalho tem como objetivo problematizar quais corpos e currículos chegarão ao território escolar após um contexto de isolamento provocado pela pandemia do COVID-19. A relação entre corpo, currículo e escola sempre foi conflituosa, pelos seus ordenamentos, normas, regras e cerceamentos. Mas também é uma relação repleta de possibilidades, de brechas para a criação e para a experimentação de outros modos de aprender. Assim sendo, trago, neste trabalho, alguns resultados de uma pesquisa realizada em uma escola pública da região metropolitana de Belo Horizonte, com estudantes do 8º e 9º ano do ensino fundamental, articulando com o atual contexto a fim de se pensar e criar possíveis num contexto pós-pandemia.

A metodologia utilizada para a pesquisa que fundamenta este trabalho recebeu o nome de *dançarilhar* e se insere nas metodologias de pesquisa pós-críticas em educação. Inspira-se na cartografia, que se fundamenta nos estudos de Gilles Deleuze e Felix Guattari que, embora não tenham criado metodologias de pesquisas, deixaram pistas e conceitos que têm sido experimentados nas pesquisas em Educação para inventar metodologias de investigação. Dançarilhar mapeia devires e acontecimentos provocados pela experimentação com dança em um currículo, estes são movimentos que escapam à história, processos que, mesmo formando um sistema, são abertos, inacabados, conectáveis. Trata-se de uma cartografia que se faz dançando.

A dança experimentada em um currículo foi a *dança contemporânea*, por entender que expressa as urgências dos corpos deste tempo. Pode ser vista, também, como uma urgência no currículo, pois oferece possibilidades de respostas a questionamentos contemporâneos (LOUPPE, 2012). Trata-se de uma multiplicidade, pois não há uma técnica de dança contemporânea, mas técnicas contemporâneas de dança, de corpo e movimento, que são agregadas a esse fazer artístico. Uma dança que contempla a diferença de cada corpo, pois não exige um estereótipo, dança com corpos reais e não ideais. Além disso, rompe com padrões de gênero e se abre para um fazer e aprender democrático.

Nessa dança os/as dançarinos/as podem ser criadores/as-intérpretes, e não apenas intérpretes. O trabalho coreográfico pode ser criado de forma *colaborativa*, ou seja, mesmo tendo direção coreográfica, os/as dançarinos/as atuam e interferem diretamente nas criações. Uma outra maneira de trabalhar com a dança contemporânea, é por meio de *coletivos*. Nestes,

a relação é não-hierárquica, e cada dançarino/a atua de uma maneira, de acordo com as demandas, desejos e urgências do coletivo. Por ser democrática em diferentes aspectos, é também um modo de agir politicamente. E é aberta e adaptável ao espaço escolar, que, na maioria dos casos, não dispõe de um espaço adequado para a prática de dança, como era o caso da escola pesquisada.

O que conectou corpo, dança e currículo nesta pesquisa, foi a possibilidade de viver uma educação menor. Inspirado na obra de Deleuze e Guattari, “Kafka, por uma literatura menor”, Sílvia Gallo (2002) propõe pensar uma educação menor, que se dá no cotidiano da sala de aula, nas relações entre estudantes e professores/as. É nessa educação que é possível ser revolucionário, criar micropolíticas, pois, mais importante que o futuro, é possibilitar o presente. Trata-se de uma maneira de movimentar professores/as a se unirem às misérias e também aos desejos dos/as estudantes, procurando pensar que, a despeito da condição de cada um/a, o desejo é força que conduz ao aprender e pode ajudar a pensar um outro aprender que outros tempos exigem.

O conceito de educação menor de Gallo ajuda a pensar em um currículo-menor como ato de resistência. Em um currículo-menor, assume-se que não há controle, não há modelos para aprender e para ensinar. Há que adentrar os labirintos, cheirar e sentir misérias, gostos e prazeres dos/as estudantes. Trata-se de fazer da educação e do currículo, um ato de resistência para fazer proliferar vida, com toda a sua multiplicidade. Resistir, criar: fazer rizoma, sistemas sem centro, conectáveis.

Um exemplo foram as experimentações com *videodança*, realizada com quatro turmas do 9º ano do EF da Escola Sagração da primavera. A videodança é uma arte híbrida, resultante de uma fusão entre vídeo e dança (BRUM, 2012). Num mundo composto e atravessado pelas tecnologias digitais, pela imagem, pelo vídeo, o corpo também é atravessado e composto por esses outros elementos e, assim, ganha outros espaços para dançar. E não somente ganha, como fabrica espaço, fabrica tempo, fabrica corpos, outras maneiras de dançar, pensar e viver a dança, trazendo uma outra noção de corpo e de presença na escola. Enquanto na dança se atualiza o virtual, na videodança, o corpo-carne se atualiza em uma esfera virtual, um virtual criado pelo digital. Uma mistura, fusão e con-fusão de possibilidades. Mas, a despeito do espaço em que se dá a dança, ainda é corpo que dança, é pensamento em movimento que agora pensa com recursos tecnológicos. Um hibridismo entre vídeo, corpo e dança em seus mais amplos aspectos: na concepção, na experimentação, no lançamento de um produto nas plataformas. Essa dança provoca sensações, desperta, desencadeia devires: um devir corpo-impossível. Pode-se dançar uma mesma coreografia em diferentes espaços ao mesmo tempo, pode-se repetir sequências e modifica-las, pode-se brincar com o tempo: corpo lento, cenário em movimento acelerado... enfim, as possibilidades são infinitas.

A videodança é uma arte que eleva a experimentação para outro nível, dança conectada com este século, com este tempo, com os desejos dos corpos que aqui vivem e vivem intermediados por telas e redes sociais. No atual contexto, tal pensamento torna-se ainda mais encarnado, pois vive-se uma pandemia pelo COVID-19 e, mais do que nunca, a presença se dá via tecnologias digitais. A videodança, antes disso, já enunciava uma dança e um corpo por vir. Ela surge no final do século XX, com a necessidade de fazer dança com recursos que não se limitam aos limites do corpo. Aliás, o que se tem na fusão entre corpo, dança e tecnologias, é uma expansão das possibilidades do corpo. Corpo que pode desafiar a gravidade, se fragmentar, fazer movimentos muito lentos ou muito acelerados. Corpo que pode ser visto por diferentes ângulos, com interferências propositais que faz com que viva “anatomias impossíveis”, numa dança que possibilita a existência do “corpo impossível” (MIRANDA, 2000, p. 138).

O resultado dessas experimentações atesta que corpos dançam, aprendem e ganham sentido ao fazer escolar. Um aprender sensível que passa pelo corpo e este amplificado em suas potencialidades. As tecnologias digitais passam a ser ferramentas de criação e não apenas de entretenimento. Conclui-se que os corpos, na escola, podem se expressar de diferentes maneiras, podem aprender na fusão com as tecnologias digitais, mas precisam da escola como nunca, como lugar de troca, de aprender com o outro. Que corpos virão? Corpos desejosos por contato, pelo toque, com outra noção de presença, mas que pedem um aprender sensível. O que pode contribuir para criar outras maneiras de viver a escola, sentir e aprender pelo corpo e tocar para sensibilizar. Um currículo-dançante pode apontar caminhos, mostrar exemplos, para possibilitar o aprender com a diferença de cada um/a.

Palavras-chave: Corpo. Currículo. Escola. Dança. Aprender.

REFERÊNCIAS

BRUM, Leonel B. *Videodança: uma escrita cênica da dança*. 2012. 181p. Tese. (Doutorado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, 2012.

GALLO, Sílvio. Em torno de uma educação menor. In: *Educação & Realidade*: Gilles Deleuze. Porto Alegre. V. 27. Nº2. p. 169-178. Jul./dez. 2002.

LOUPPE, Laurence. *Poética da Dança Contemporânea*. Lisboa: Orfeu Negro, 2012.

MIRANDA, Regina. Dança e Tecnologia. In: SOTER, Silvia e PEREIRA, Roberto. (Orgs.). *Lições de Dança 2*. Rio de Janeiro: UniverCidade Editora, 2000.